

Larissa Firmino Lopes

**Terapia do Esquema e violência conjugal: análise dos modos de
enfrentamento envolvidos na dinâmica abusiva.**

Uberlândia

2023

Larissa Firmino Lopes

**Terapia do Esquema e violência conjugal: análise dos modos de
enfrentamento envolvidos na dinâmica abusiva**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado ao Instituto de
Psicologia da Universidade Federal
de Uberlândia, como requisito parcial à
obtenção do Título de Bacharel em
Psicologia.

Orientador(a): Prof. Dr. Ederaldo José
Lopes

Uberlândia

2023

Larissa Firmino Lopes

Terapia do Esquema e violência conjugal: análise dos modos de enfrentamento envolvidos
na dinâmica abusiva

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da
Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para o Título de Bacharel em
Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Ederaldo José Lopes

Banca Examinadora

Uberlândia, 23 de junho de 2023

Prof. Dr. Ederaldo José Lopes (Orientador)

Prof.^a Dr.^a Renata Ferrarez Fernandes Lopes (Examinadora)

Prof. Dr. Joaquim Carlos Rossini (Examinador)

Uberlândia

2023

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me sustentado até aqui e por ter colocado em meu coração a escolha da Psicologia como profissão. Sem Ele nada seria possível!

Agradeço a minha família por ter sonhado junto comigo o sonho da graduação e por ter sido meu suporte ao longo desses anos, principalmente, durante a confecção desse trabalho. A meus pais que com muito esforço tornaram possível a graduação em uma Universidade pública, me dando o suporte financeiro e emocional.

Agradeço a Prof. Dra Renata Ferrarez Fernandes Lopes, que com sua paciência e suporte foi primordial para a realização desse trabalho, uma profissional que me ensinou muito além da teoria. Seus ensinamentos foram para a vida!

Agradeço a todos os funcionários da Delegacia da Mulher de Araguari pela oportunidade de ter realizado esse trabalho com todas as suas peculiaridades e cuidados. E pelas amizades formadas durante o tempo que estive por lá.

E agradeço também a mim mesma, por não ter desistido nas batalhas que surgiram e por acreditar sempre na minha capacidade.

Resumo

A violência conjugal é uma das formas de violência contra a mulher, sendo considerada uma violência de gênero. Essa pesquisa investigou as estratégias desadaptativas de evitação e hipercompensação e seu envolvimento na relação conjugal violenta, como forma de enfrentamento perante a situação de violência. Para tal finalidade, foram entrevistadas 4 mulheres vítimas de violência conjugal que procuraram os serviços disponibilizados pela Delegacia de Orientação e Proteção da Mulher, da cidade de Araguari – MG. Para a coleta de dados foi utilizado o Inventário de evitação Young e Ryght (YRAI-1) com 40 itens, o Inventário de compensação Young e Ryght (YCI1) com 44 itens e uma entrevista voltada ao preenchimento de dados pessoais e uma única pergunta disparadora: "Descreva detalhadamente o que você faz logo após ter sofrido uma violência conjugal (agressão verbal, agressão física, agressão psicológica, agressão sexual). Para análise dos dados utilizou-se estatística descritiva e teste de Wilcoxon para verificar se havia diferença entre as formas de enfrentamento, ou entre o desempenho das participantes. Os resultados indicaram que ambas as estratégias de enfrentamento foram usadas pelas participantes durante seus relacionamentos. Entretanto, não houve diferença significativa entre as formas de enfrentamento. A Evitação Cognitiva foi a forma de evitação mais frequente na amostra (64,70% dos itens pontuados acima de 4). Não houve diferenciação entre os fatores da YRAI-1. A forma de hipercompensação mais frequente na amostra foi a ordem excessiva (100% dos itens pontuados acima de 4) e foi o único fator que se diferenciou em relação aos outros fatores da YCI ($p < 0,002$ para busca de reconhecimento / manipulação; $p > 0,059$ para agressão; $p > 0,014$ para rebelião). A violência física, sexual, psicológica e patrimonial foram identificadas na amostra. Conclui-se que tanto a evitação quanto a hipercompensação impedem a elaboração da violência sofrida perpetuando o ciclo de agressões sofridas pela mulher.

Palavras-chave: Formas desadaptadas de enfrentamento, Violência doméstica contra a mulher, Terapia do Esquema

Abstract

Conjugal violence is one of the forms of violence against women, being considered gender violence. This research investigated the maladaptive strategies of avoidance and overcompensation and their involvement in the violent marital relationship, as a way of coping with the situation of violence. For this purpose, 4 women victims of domestic violence who sought the services provided by the Women's Guidance and Protection Police Station in the city of Araguari - MG were interviewed. For data collection, the Young and Ryght Avoidance Inventory (YRAI-1) with 40 items, the Young and Ryght Compensation Inventory (YCI) with 44 items and an interview aimed at filling in personal data and a single triggering question were used. : "Describe in detail what you do right after suffering marital violence (verbal aggression, physical aggression, psychological aggression, sexual aggression). For data analysis, descriptive statistics and the Wilcoxon test were used to verify whether there was a difference between the forms of coping, or between the performance of the participants. The results indicated that both coping strategies were used by the participants during their relationships. However, there was no significant difference between the ways of coping. Cognitive Avoidance was the most frequent form of avoidance in the sample (64.70% of items scored above 4). There was no differentiation between YRAI-1 factors. The most frequent form of overcompensation in the sample was excessive ordering (100% of items scored above 4) and was the only factor that differed from the other YCI factors ($p < 0.002$ for recognition seeking / manipulation; $p > 0.059$ for aggression; $p > 0.014$ for rebellion. Physical, sexual, psychological and patrimonial violence were identified in the sample. It is concluded that both avoidance and hypercompensation prevent the elaboration of the violence suffered, perpetuating the cycle of aggression suffered by the woman.

Keywords: Maladjusted forms of coping, Domestic violence against women, Schema Therapy

SUMÁRIO

1. Introdução	10
2. Objetivos.....	16
3. Método.....	17
3.1 Participantes	17
3.2 Instrumentos	19
3.3 Procedimento.....	19
4. Análise dos dados	19
5. Resultados.....	20
5.1- Inventário de Evitação Young e Ryght (YRAI-1)	20
5.2- Inventário de Compensação Young e Ryght (YCI-1)	27
5.3 Comparação do desempenho das participantes na YRAI e YCI.....	32
5.4 Resultados qualitativos.....	33
6. Discussão	36
6.1- Inventário de Evitação Young e Ryght (YRAI-1)	36
6.2 Inventário de Compensação Young e Ryght (YCI-1).....	39
6.3 Comparação do desempenho das participantes na YRAI e YCI.....	42
6.4 Dados Qualitativos.	43
7. Conclusão	46
8. Referências	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. <i>Estilos de Enfrentamento de Hipercompensação</i>	15
Tabela 2. <i>Estilos de Enfrentamento de Evitação</i>	16
Tabela 3. <i>Contextualização da história de vida das participantes</i>	17
Tabela 4. <i>Itens pontuados com média acima de 4 no fator Somatização e Busca de Estimulação</i>	21
Tabela 5. <i>Itens pontuados com média acima de 4 no fator Evitação Cognitiva</i>	23
Tabela 6. <i>Itens pontuados com média acima de 4 no fator Retraimento Emocional</i>	25
Tabela 7. <i>Resultados do Teste de Wilcoxon para verificar diferenças das respostas das participantes no YRAI</i>	26
Tabela 8. <i>Resultado da análise das diferenças entre os fatores do YRAI</i>	26
Tabela 9. <i>Itens pontuados com média acima de 4 no fator Ordem excessiva/Individualidade</i>	27
Tabela 10. <i>Itens pontuados com média acima de 4 no fator Busca de reconhecimento/Manipulação</i>	29
Tabela 11. <i>Itens pontuados com média acima de 4 no fator Agressão/Hostilidade</i>	29
Tabela 12. <i>Itens pontuados com média acima de 4 no fator Rebelião</i>	30
Tabela 13. <i>Resultados do Teste de Wilcoxon para verificar diferenças de respostas das participantes no YCI</i>	31
Tabela 14. <i>Resultado da análise das diferenças entre os fatores do YCI</i>	31
Tabela 15. <i>Resultados do Teste de Wilcoxon para verificar diferenças entre o desempenho no YRAI e no YCI</i>	32
Tabela 16. <i>Resultados do Teste de Wilcoxon para verificar diferenças do resultado das participantes, respectivamente, no YRAI e no YCI</i>	33

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Nuvem de palavras referente as respostas obtidas sobre a violência verbal.....	34
Figura 2. Nuvem de palavras referente as respostas obtidas sobre a violência física.	34
Figura 3. Nuvem de palavras referente as respostas obtidas sobre a violência psicológica.	35
Figura 4. Nuvem de palavras referente as respostas obtidas sobre a violência sexual.	35
Figura 5. Nuvem de palavras referente as respostas obtidas sobre a violência patrimonial.....	36

1. Introdução

A violência, segundo a OMS, é caracterizada pelo “uso de força física ou de poder, em forma de ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade que resulte, ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação” (Organização Mundial da Saúde, 1996). Na ampla definição de violência há três subcategorias sendo elas: violência autodirigida; que abarca comportamentos suicidas e agressão autoinfligida, violência interpessoal; praticada por pessoas que possuem vínculo afetivo, ou não, e violência coletiva que inclui a violência social, política e econômica (Dahlberg & Krug, 2002).

Uma das subcategorias da violência interpessoal é a violência provocada por parceiros íntimos, nas quais as vítimas geralmente são as mulheres e os episódios de violência ocorrem nos lares, sendo também nomeada como violência doméstica. Desde a antiguidade a violência contra a mulher foi considerada por muito tempo como um fenômeno natural, principalmente quando ocorria no ambiente familiar e conjugal, sendo, ainda hoje, muito recorrente e presente nos lares brasileiros e no mundo (Júnior & Ribeiro, 2018). A violência conjugal é considerada uma violência de gênero que é reforçada pela cultura machista, que define o patriarcado - e suas condições - como a única dinâmica familiar possível. Os discursos “em briga de marido e mulher não se mete a colher” e “até que a morte os separe” são formas culturais que colaboram para a naturalização dessa violência (Monteiro, 2012).

Perante esse cenário de violência e na tentativa de contê-la, foi criada em 2006 a Lei Federal 11.340 - a Lei Maria da Penha - que tem como prerrogativa a intenção de prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher (Brasil, 2006). De acordo com a Lei, são cinco os tipos de violência contra a mulher, que são especificadas como:

I- Violência física, caracterizada como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal, que pode ser identificada através de espancamentos, torturas e lesões com qualquer objeto;

II- Violência Psicológica, caracterizada como ações que causem sofrimento emocional, que diminua a auto estima, que impeça o pleno desenvolvimento da mulher e que tenha a intenção de controlar suas ações, comportamentos, decisões e crenças. Esse tipo de violência pode se dar por ameaças, manipulação, humilhação, entre outros.

III- Violência sexual, caracterizada como ações que forcem presenciar, manter ou participar de relação sexual sem consentimento, assim como, o impedimento de uso de métodos contraceptivos, ou que force a gravidez ou a prostituição;

IV- Violência patrimonial, caracterizada como a retenção, destruição de objetos e instrumentos de trabalho, documentos e bens pessoais, recursos financeiros que impedem de satisfazer as necessidades individuais;

V- Violência moral, condutas que configurem como calúnia, difamação ou injúria. Esse tipo de violência se dá por meio de acusações, exposição da vida íntima, emitir juízos morais, entre outros (Brasil, 2006).

Mesmo após a criação da Lei Federal 11.340, a extensão da violência contra as mulheres, pode ser verificada pelos dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), que indica que cerca de 35% das mulheres de todo o mundo tenham sofrido algum tipo de violência física, sexual ou psicológica por parte de seus companheiros (Brasil, 2014). Além disso, em 2020, ano do início da pandemia da COVID-19, foram registradas 105.671 denúncias de violência contra a mulher pelos canais Ligue 180 e Disque 100. Os resultados indicam o aumento de casos em decorrência do isolamento social (Brasil, 2021). Após o período de isolamento esse número ainda se manteve alarmante com dados que apontam que diariamente, quase 51 mil mulheres sofreram violência no Brasil no ano de 2022 (Galvão, 2022).

Apesar do número elevado de casos, existe uma alta subnotificação desses casos perante aos órgãos competentes. Isso se deve a diversos fatores como a dependência financeira e emocional de mulheres em relação a seus parceiros, a falta de uma rede de apoio, o receio da figura paterna estar ausente na criação dos filhos e a violência institucional praticada pelos profissionais das instituições de proteção (Souza & Ros, 2006).

Em decorrência da passagem e permanência dessas mulheres em situações de violência, a literatura indica diversas consequências para a saúde física e psicológica dessas vítimas, tais como autoestima fragilizada, medo, estresse emocional, isolamento social e irritabilidade (Monteiro, 2012). Além dos fatores citados, a violência contribui para o abuso de drogas e álcool, distúrbios gastrointestinais, dores de cabeça, asma, ansiedade, depressão, assim como, o trauma físico e direto (Oliveira et al., 2005).

Percebe-se que a violência conjugal é responsável por colocar em risco a saúde e o bem-estar das mulheres, em decorrência disso, a Organização Mundial da Saúde (OMS) desde 1980, caracteriza a temática como um problema de saúde pública devido aos impactos físicos e mentais de quem a sofre. Em consonância, a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) relata que em decorrência dos números e sequelas posteriores, a violência doméstica possui um caráter endêmico (Alves & Coura Filho, 2001).

Frente ao exposto e em consequência das sequelas psicológicas advindas da violência doméstica, grande parte dos estudos em Psicologia buscam entender melhor como esse fenômeno funciona de forma individual e coletivamente. Partindo disso, a Terapia do Esquema (TE)- uma terapia baseada em processos, criada por Jeffrey Young (1990), oferece um modelo de avaliação e intervenção clínica para diversos contextos, inclusive as relações conjugais violentas (Paim & Cardoso, 2019).

A TE afirma que os relacionamentos são uma parte importante da vida dos seres humanos e a forma como nos relacionamos nos primeiros anos de vida pode ter grande valor preditivo sobre como serão os relacionamentos no futuro, inclusive os amorosos (Reis & Andriola, 2019). Advindo dessas primeiras relações, são desenvolvidos esquemas, que são o conjunto de nossas cognições, emoções e comportamentos que determinarão a forma como cada indivíduo vai atribuir significado ao mundo a sua volta e reagir aos diversos acontecimentos da vida, assim como, a sua personalidade (Paim, Madalena & Falcke, 2012).

Tais esquemas podem ser adaptativos ou desadaptativos no contexto diário de cada pessoa. Partindo disso, os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) são estruturas mentais desadaptadas formadas por interações nocivas e precoces, estabelecidas especialmente com os cuidadores. Os EIDs funcionam como filtros para relações posteriores (Reis & Andriola, 2019).

Nos relacionamentos amorosos, temos a interação entre esquemas de duas pessoas que podem resultar em uma relação saudável ou em uma relação disfuncional e tóxica com a ativação dos EIDs (Reis & Andriola, 2019). Dependendo da interação do casal, a partir dos EIDs ativados, os envolvidos podem se afastar ou permanecerem juntos, dependendo da química esquemática produzida. No entanto, cabe ressaltar que determinados casos, tratam-se de relacionamentos conjugais violentos.

Diversos estudos sugerem que diferentes trajetórias de experiência de violência, como ter sido exposto a situações violentas ou ter sido vítima de tais ações contribui para a

vitimização de violência por parceiro íntimo. Vítimas de violência do sexo feminino que vivenciam e testemunham a violência desde o início da vida desenvolvem atribuições de autculpabilização pela violência sofrida por meio de vários processos sociais, cognitivos e de aprendizagem (Taskale & Soygüt, 2017).

Além do mais, um estudo recente de Brasco e De Antoni (2020), buscou compreender uma outra face da violência. O estudo entrevistou homens que praticaram violência contra a mulher e que estavam respondendo por processos em Varas da Família. Os resultados mostraram que os participantes foram construindo a ideia de masculinidade, através do exemplo que tinham em casa, baseado em modelos parentais rígidos, severos e negligentes. E, conseqüentemente, por modelo de aprendizagem coercitiva, foram replicando tais comportamentos.

Uma das mais instigantes questões sobre a dinâmica dos relacionamentos abusivos, parte do pressuposto que mesmo com o mal estar envolvido na relação, o relacionamento se mantém, por vezes, por um tempo consideravelmente longo. Esse fator pode ser explicado pela química esquemática envolvida nas escolhas amorosas, que são baseadas na ativação de um ou mais EIDs e que funcionam de um modo mais emocional do que racional (Paim, 2019).

De acordo com os estudos na TE os indivíduos tendem a escolher seus parceiros afetivos com base em seus principais esquemas como forma de, inconscientemente, reviver a atmosfera infantil e padrões familiares. As escolhas amorosas desadaptadas, na maioria das vezes, são baseada nos EIDs de cada um. Além disso, alguns EIDs são extremamente compatíveis e interligados, produzindo assim uma forte química esquemática, que se manifesta em um padrão de relacionamento pouco saudável (Paim, 2019).

Uma pessoa que cresceu com dificuldades de tomar decisões e gerenciar a própria vida, características de um indivíduo com esquema de dependência/incompetência, terá uma forte tendência de se ligar emocionalmente com uma pessoa controladora e de impulsos rígidos, típico de um indivíduo que possui um esquema de padrões inflexíveis. Assim como pessoas que possuem um esquema de defectividade/vergonha tendem a se atraírem por pessoas que possuem um alto senso de merecimento e de superioridade, que pode ser observado no esquema de grandiosidade/arrogo (Paim, 2019).

A química esquemática funciona como uma lei da atração própria que envolve as partes por um vínculo muito forte e inconsciente. Esse entendimento da TE, dentre diversos outros, possibilita a compreensão de dinâmicas tóxicas de um casal que para o

senso comum e que, principalmente os trabalhadores das Delegacias de Atendimento Especializado às Mulheres (DEAMS), têm dificuldade de entender. Além disso, não se pode esquecer o papel importante que a cultura exerce sobre as formas de se relacionar, o aprendizado de determinadas crenças dificultam a identificação de um relacionamento violento. Ciúmes excessivo, controle e violência podem ser reconhecidos por alguns como formas de cuidado. Além, disso, papéis de gênero empregados na sociedade na qual o homem é visto como forte, superior, provedor e a mulher é colocada no papel de submissa, fraca e controlada podem ter papel estabelecido na dinâmica violenta entre casais. A cultura funciona como formadora de opinião e contribui para como os parceiros vão enfrentar essas situações (Cardoso, Bertho & Paim, 2019).

Romper essa dinâmica conjugal tóxica vai além de entender a química esquemática ou o papel da cultura envolvidos em uma relação. Também está ligado à estratégias desadaptadas de enfrentamento dos EIDs que o par conjugal estabelece, contribuindo para a manutenção da química esquemática.

As estratégias de enfrentamento desadaptativas são reações que o indivíduo aprendeu ao longo de sua vida como forma de amenizar a sensação de desamparo e invalidação. Essas reações podem ser divididas em três grupos: resignadoras, compensatórias ou evitativas e quando estão ativadas é uma forma do indivíduo se sentir falsamente “adulto” e seguro por não estar em contato com as emoções infantis (Paim & Cardoso, 2019). Na literatura há estudos que associam, em relação a neurobiologia, a resignação como sendo um estado de congelamento, a hipercompensação como um estado de luta e a evitação como uma espécie de fuga frente às situações ativadoras dos EIDs (Callegaro, 2005).

As estratégias resignadoras, são usadas como um modo de evitar possíveis agressões e consequências nocivas, ativando comportamentos de submissão, desconsiderando as vontades próprias para suprir de forma resignada as necessidades dos outros. Na relação conjugal, o cônjuge busca identificar o que seu par almeja e age de acordo com isso.

No grupo das estratégias compensatórias, o indivíduo por meio de exageros, busca aliviar o desconforto advindo da ativação dos EIDs, gerando assim, padrões de enfrentamento baseados no auto engrandecimento, na provocação/ataque, na desconfiança, no excesso de controle e na hipervigilância para se proteger; pode utilizar ainda estratégias obsessivas (perfeccionismo patológico) para evitar o erro e aliviar a culpa, e por fim, pode

ainda utilizar comportamentos predatórios ou manipuladores para realizarem seus comportamentos hipercompensadores.

Tabela 1

Estilos de Enfrentamento de Hipercompensação

Estilos de enfrentamento de Hipercompensação	Comportamento de acordo com o estilo
Controle	Pessoas com esse tipo de enfrentamento estão sempre focadas nos menores detalhes da vida e estão sempre atentas para controlar as possíveis consequências negativas.
Isolamento social	Pessoas com esse tipo de enfrentamento se comportam de modo a manter distância dos outros para prevenir qualquer possibilidade de se ferirem no futuro.
Busca de Status	Pessoas com esse tipo de enfrentamento lidam com situações negativas da vida dando muita importância para ocuparem posições de sucesso e status.
Contra dependência	Pessoas com esse tipo de enfrentamento seguem a estratégia de serem independentes frente a possibilidade de rejeição dos outros.
Rebelião	Pessoas com esse tipo de enfrentamento são severamente opositivos e reagem negativamente aos outros.
Egocentrismo	Pessoas com esse tipo de enfrentamento seguem padrões egoístas para evitar sentimentos de inferioridade e sempre estarem em vantagem em relação aos demais.
Manipulação	Pessoas com esse tipo de enfrentamento são agressivas e manipuladoras.
Intolerância à críticas	Pessoas com esse tipo de enfrentamento rejeitam comentários positivos e negativos dos outros.

Fonte: Adaptado de Taşkale e Soygüt (2017).

No modo de enfrentamento evitativo, as pessoas se comportam visando fugir das emoções desconfortáveis. Sendo possível que o indivíduo use distração, racionalidade extrema e até mesmo a dissociação para atingir tal feito. Nas relações conjugais essa forma de enfrentamento de conflitos pode ativar no parceiro sensação de insegurança no vínculo. Essa forma desadaptada de enfrentamento pode se dar por meio do desligamento das

emoções, gerando uma esquiva das necessidades internas. Pode ser ativado por meio do trabalho excessivo, compulsivo por uso de eletrônicos e atividades radicais. Pode utilizar a expressão da raiva para proteger –se de sua vulnerabilidade, o que pode ser identificado por meio de alterações de humor. Por fim, pode evitar situações e comportamentos como forma de se proteger (Paim & Cardoso, 2019; Baldissera et al., 2021).

Tabela 2

Estilos de Enfrentamento de Evitação

Estilos de enfrentamento de Evitação	Comportamento de acordo com o estilo
Sintomas Psicossomáticos	Pessoas com esse tipo de enfrentamento concentra sintomas no corpo.
Distração passiva	Pessoas com esse tipo de enfrentamento lidam com situações estressoras mantendo-se ocupadas.
Controle emocional	Pessoas com esse tipo de enfrentamento lidam com situações diárias de forma fria e distante.
Evitação comportamental	Pessoas com esse tipo de enfrentamento se comportam como se situações estressoras não existissem.
Retraimento social	Pessoas com esse tipo de enfrentamento evitam interações sociais com os outros para não lidarem com situações negativas.
Inibição emocional	Pessoas com esse tipo de enfrentamento reprime suas emoções e reações quando estão em contato com outras pessoas.

Fonte: Adaptado de Taşkale e Soygüt (2017).

2. Objetivos

Partindo do exposto, o objetivo dessa pesquisa foi investigar as estratégias desadaptativas (evitação, hipercompensação) envolvidas na relação conjugal violenta, de modo a contribuir para o entendimento do fenômeno da violência doméstica e formas desadaptadas de enfrentamento.

3. Método

3.1 Participantes

A amostra consistiu em mulheres que se encontravam em situação de violência doméstica conjugal que foram convidadas a participar da pesquisa após procurarem os serviços de proteção da Delegacia de Orientação e Proteção da Mulher, da cidade de Araguari- MG. Participaram deste estudo 4 mulheres, que apresentavam os seguintes dados gerais: idades médias de 41,5 anos ($SD = 11,94$). Em relação ao estado civil duas eram solteiras, uma casada e uma amasiada. Com relação a escolaridade uma possuía primeiro grau incompleto, outra segundo grau incompleto e duas possuíam segundo grau completo. O tempo médio de relacionamento conjugal foi de 103,75 meses ($SD = 147,97$), todas possuíam filhos ($\bar{x} 2,25$; $SD = 0,5$). Com relação ao nível socioeconômico três mulheres recebiam menos de uma salário mínimo e uma delas recebia entre 1 e 2 salários mínimos. Metade das participantes tinham solicitado medidas protetivas em relação aos companheiros em momentos pretéritos ($n = 2$).

A pesquisa foi realizada por amostragem por conveniência. Os critérios de inclusão foram: idade entre 18 e 60 anos, mulheres em relacionamentos heterossexuais ou homossexuais que relataram sofrer violência conjugal e que procuram orientação sobre os serviços da Delegacia de Orientação e Proteção da Mulher. Os critérios de exclusão foram: idade fora da faixa etária estipulada; mulheres que buscam o serviço, mas que o vínculo não se enquadra em relacionamento conjugal, que não aceitaram assinar o TCLE e participantes que não tenham respondido os Inventários (YRAI-1 e YCI-1) por completo.

Na Tabela 3 abaixo encontra-se informações referentes aos dados gerais e a contextualização do relacionamento das participantes, assim como, os relatos das agressões sofridas.

Tabela 3

Contextualização da história de vida das participantes

Participantes	Contextualização do relacionamento
1	Mulher de 53 anos, casada por 7 anos e dividindo o mesmo lar com o ex-companheiro por mais 20 anos. Possui dois filhos com o ex-companheiro e relata episódios constantes de agressão verbal durante os anos de relacionamento e, nos últimos anos, de agressão física, a qual, já ocasionou fratura em duas costelas da participante. Além das agressões citadas, a violência patrimonial também era presente. O ex-companheiro usava o nome da participante para solicitar empréstimos e não pagar. O ex-companheiro faz uso de bebidas alcoólicas e de medicação psiquiátrica. Ao retornar de uma viagem ela percebe que as contas conjuntas foram zeradas e que o ex-companheiro tinha gastado o dinheiro em festas e casas de prostituição. A participante pediu medida protetiva e a manteve.
2	Mulher de 51 anos, o último relacionamento durou cerca de 4 anos e não tiveram filhos em comum. A participante possui um filho de 17 anos de um relacionamento anterior. Relata que o começo do relacionamento era tranquilo, porém o ex-companheiro começou a fazer uso excessivo de bebidas alcoólicas e, com isso, agredia verbalmente e a humilhava. Ao resolver romper o relacionamento, o ex-companheiro ameaçou a participante e a agrediu fisicamente lhe jogando em cima de uma mesa de vidro. A participante pediu medida protetiva e a manteve.
3	Mulher de 23 anos, seu último relacionamento durou cerca de 5 meses e não tiveram filhos em comum. Ela possui duas filhas pequenas de relacionamentos anteriores. Relata que o relacionamento desde o começo foi complicado e que permaneceu no relacionamento devido à influência de familiares até que o ex-companheiro a ameaçou utilizando uma arma de fogo. Foi realizado boletim de ocorrência e solicitação de medida protetiva. Após 15 dias da concessão da medida ela reatou o relacionamento e retirou a queixa. Retornou a procurar os serviços da Delegacia Especializada em decorrência de uma agressão física e por estar sendo perseguida pelo ex companheiro. Manteve a nova medida protetiva solicitada.
4	Mulher de 39 anos, o relacionamento teve duração de 3 anos e 2 meses e não tiveram filhos, ela possui 3 filhos de outros relacionamentos. Relata que todo o tempo do relacionamento houve agressões físicas, totalizando 36 agressões. Permanecia no relacionamento pois acreditava na mudança do ex-companheiro. Já esteve grávida dele e em decorrência das agressões, sofreu um aborto. Procurou a delegacia e solicitou medida protetiva, pouco tempo depois reatou o relacionamento devido às festas de fim de ano e foi agredida novamente na festa do Ano Novo. O ex-companheiro foi preso.

Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU

3.2 Instrumentos

Foram utilizados o Inventário de evitação Young e Ryght (YRAI-1) com 40 itens, o Inventário de compensação Young e Ryght (YCI-1) com 44 itens e uma entrevista que permitiu a caracterização da amostra e com perguntas fechadas sobre os dados gerais (idade, estado civil, escolaridade, tempo de relacionamento conjugal, número de filhos, nível socioeconômico) e uma única pergunta disparadora "Descreva detalhadamente o que você faz logo após ter sofrido uma violência conjugal (violência verbal, física, psicológica, sexual e patrimonial).

3.3 Procedimento

Após a autorização dos responsáveis pelos setores do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (IP-UFU), da Delegacia de Orientação e Proteção à Mulher, da cidade de Araguari - MG. e do Comitê de Ética em Pesquisa da UFU (CEP/UFU), CAAE- 60149522.5.0000.5152, foi iniciado o convite as participantes da pesquisa. Após o aceite em participar da pesquisa, a aplicação dos instrumentos ocorreu em uma sala localizada nas mediações da Delegacia, devidamente apropriada para a entrevista e aplicação dos instrumentos, com data e horários previamente estabelecidos. As participantes foram devidamente informadas sobre o objetivo da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Realizada as etapas citadas, iniciou o procedimento da coleta de dados, com a entrevista seguida da aplicação dos Inventários, que consistia em atribuir uma nota de 1 a 6 para cada afirmação do YRAI 1 e YCI1. Foram feitas anotação dos comentários feitos pelas participantes nos itens pontuados com nota 5 (verdadeiro na maioria das vezes) e 6 (descreve-me perfeitamente), além do registro das respostas da pergunta disparadora.

4. Análise dos dados

Considerando a metodologia mista (quantitativa e qualitativa), para a análise dos dados foi criada uma tabela no Microsoft Excel, para o registro do discurso direto das participantes nas afirmações dos YRAI 1 e YCI, com notas 5 ou 6. O objetivo do registro foi categorizar as respostas com a finalidade de encontrar semelhanças no discurso expresso das participantes.

Os dados gerais relativos à idade, estado civil, escolaridade, tempo de relacionamento conjugal, número de filhos e nível socioeconômico foram analisados através de estatística descritiva (média e o desvio padrão) dos dados coletados. Além disso, uma nova tabela no excel foi criada para o registro dos escores das participantes no YRAI e YCI.

Quanto às respostas da pergunta disparadora da entrevista estas foram organizadas para o estabelecimento de nuvens de palavras. A nuvem emergiu a partir da análise lexical, entendendo como léxico o conjunto de palavras que compõe um determinado texto (respostas das participantes a pergunta disparadora). A técnica de construção destas nuvens consistiu em usar tamanhos e cores de letras diferentes de acordo com a frequência das ocorrências das palavras no texto analisado

5. Resultados

A análise quantitativa dos resultados dos Inventários foi realizada avaliando:

a) o desempenho das participantes no YRAI (para verificar a hipótese de diferença no padrão das respostas no YRAI entre as participantes e diferenças entre os fatores que compõem a escala YRAI (somatização/ busca de estimulação, evitação cognitiva, retraimento emocional) ;

b) o desempenho das participantes no YCI (para verificar a hipótese da diferença no padrão das respostas no YCI entre as participantes e diferenças entre os fatores que compõem a escala YCI (ordem excessiva/Individualidade; busca de reconhecimento/manipulação; agressividade/ hostilidade; rebeldia)

c) Verificar diferenças de desempenho das participantes na YRAI e YCI;

d) Análise qualitativa das respostas disparadoras.

5.1- Inventário de Evitação Young e Ryght (YRAI-1)

Os dados apresentados a seguir são relativos aos resultados obtidos pelas quatro participantes no inventário YRAI – 1. O estudo de Santos et al. (2021), realizou a validação do inventário para amostras brasileiras e identificou-se três fatores de acordo com os princípios da TE, sendo eles: Somatização e Busca de Estimulação, Evitação Cognitiva e Retraimento Emocional.

As Tabelas 4,5 e 6 descrevem os fatores da escala YRAI 1 e como as participantes responderam a estes fatores. As afirmativas identificadas são aquelas cujas médias das respostas na escala Likert ficaram acima de 4.

O primeiro fator identificado foi a Somatização e Busca de Estimulação. Compõe esse fator 20 itens, sendo eles: 02, 03, 04, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 20, 22, 23, 25, 26, 28, 30, 36, 38, 40. Os itens dessa escala retratam comportamentos evitativos que resultam em somatização (sentindo dores, baixa energia, cansaço e outros) e por busca de estimulação, com atividades que ofereçam algum nível de prazer, como forma de distração e afastamento do sofrimento e desconforto vivenciado. Os itens que obtiveram médias superiores a quatro representam 50% do fator (n=10).

Tabela 4

Itens pontuados com média acima de 4 no fator Somatização e Busca de Estimulação

<i>Itens</i>	$\bar{x}$	P1	P2	P3	P4
<i>13. Isolo-me quando estou zangado(a).</i>	5	Gosto de ficar na minha, no meu canto.	Não fico perto de ninguém quando estou zangada.	Eu fico longe de todos quando estou assim.	Fico no meu quarto, na minha.
<i>16. Vejo muita TV quando estou sozinho(a).</i>	6	Não sou de ver muita TV, mas gosto de ler livros quando estou sozinha.	Sim, fico muito na TV e no celular.	Fico muito no tempo celular.	Sim, vejo muita TV. Não tenho nenhuma rede social.
<i>20. Afasto-me das pessoas quando me sinto magoado(a).</i>	5,25	Quando estou magoada gosto de ficar na minha.	Fico quieta no meu canto.	Gosto de ficar perto das minhas filhas quando estou mal, mas vou ficar para sempre longe do meu ex.	
<i>23. Sinto-me melhor quando ando de um lado para o outro; não gosto de ficar muito tempo parado(a).</i>	5,25	Tenho muita energia, gosto de estar sempre fazendo alguma coisa.	Gosto muito de estar sempre fazendo algo.		

Tabela 4

Itens pontuados com média acima de 4 no fator Somatização e Busca de Estimulação (continuação)

26. Quando estou aborrecido(a), como para me sentir melhor.	4,75				Independente de tudo que acontece, a fome não passa.
28. Sinto-me melhor se me mantiver constantemente ocupado(a), sem ter muito tempo para pensar.	5,5	Quanto menos ficar pensando em coisa ruim é melhor.	Cabeça vazia só faz pensar coisas ruins.	Eu prefiro estar sempre fazendo alguma coisa, estar ocupada.	
30. Isolo-me quando estou triste.	6	Fico na minha.	Vou pro meu quarto e fico quieta.	Fico perto das minhas filhas e longe dos outros.	Fico na minha até passar.
38. Sinto-me fisicamente doente quando as coisas não vão bem.	4,5		Quando tô triste meu corpo todo fica mal.	Fico muito mal mesmo.	Fisicamente não, mas minha autoestima acaba.
40. Não me preocupo com o que os outros pensam de mim.	5	Impossível agradar todo mundo, então não tem porque preocupar com o que pensam de mim.	Vivo para me agradar só.	Importo apenas com a opinião da minha mãe que é quem me ajuda.	Ninguém cuida da minha vida.

Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU

O segundo fator foi a Evitação Cognitiva, composta por 17 itens, sendo eles: 01, 03, 04, 05, 06, 17, 18, 19, 24, 27, 28, 29, 31, 32, 34, 35, 37. Esse fator contém os itens que representam afastamento cognitivo, que trata-se de buscar não pensar sobre situações que possuam potencial para desencadear algum tipo de sofrimento emocional. É uma forma racional de lidar com a situação. Os itens que obtiveram médias superiores a quatro representam 64,70 % do fator (n= 11).

Tabela 5

Itens pontuados com média acima de 4 no fator Evitação Cognitiva

<i>Itens</i>	$\bar{x}$	<i>P1</i>	<i>P2</i>	<i>P3</i>	<i>P4</i>
5. <i>Valorizo mais a razão do que a emoção (guio-me mais pela cabeça do que pelo coração).</i>	5	É importante usar a cabeça sempre.	É mais importante a razão, porque a emoção passa.		Tinha perdido a razão, mas agora a razão é tudo.
6. <i>Acredito que não devo ficar bravo(a), mesmo com pessoas que não gosto.</i>	4,25				Uma hora a conta chega e rebemos o que fazemos.
17. <i>Acredito que se deve usar a cabeça para usar as emoções.</i>	5		Sempre que usei o coração, me ferrei.	Tem que usar é a cabeça mesmo.	Agora vou usar muito mais a razão, não adianta dar segundas chances.
18. <i>Não consigo antipatizar fortemente com alguém.</i>	4,25	Não tenho sentimentos ruins por ninguém.			Mesmo se me fizerem muito mal, não guardo rancor.
24. <i>Procuro estar sempre ocupado(a) para não me sentir aborrecido(a).</i>	5,25	Cabeça vazia só pensa em coisas ruins.	Trabalho muito, mexo com plantas, limpo a casa.	Estou sempre fazendo algo.	
27. <i>Tento não pensar em lembranças dolorosas do meu passado.</i>	4	É melhor viver no presente.			
28. <i>Sinto-me melhor se me mantiver constantemente ocupado(a), sem ter muito tempo para pensar.</i>	5,5	Quanto menos ficar pensando em coisas ruins é melhor.	Cabeça vazia só pensa em coisas ruins.	Eu prefiro estar sempre fazendo alguma coisa, estar ocupada.	Às vezes quando estou fazendo algo, penso mais ainda.

Tabela 5

Itens pontuados com média acima de 4 no fator Evitação Cognitiva (continuação)

31. <i>As pessoas dizem que pareço uma avestruz com a cabeça debaixo da terra (em outras palavras, tento não pensar em coisas que me desagradam).</i>	4,5	Não gosto de ficar pensando nas coisas ruins.	Prefiro não ficar pensando nas coisas que me desagradam.	Estou sempre pensando no que vai acontecer, no que o meu ex vai fazer.
32. <i>Tenho a tendência de não pensar em minhas perdas ou decepções.</i>	4,75	Não adianta pensar no que já passou e deu errado.	É perda de tempo.	Agora vou pensar só em mim.
34. <i>Sou uma pessoa de sorte por ter tido pais tão bons.</i>	4,25		Com certeza tive pais muito bons.	Minha mãe foi boa, não tive contato com meu pai, mas meu padrasto foi bom para mim.
37. <i>Tento não me meter em situações difíceis ou que me façam sentir desconfortável.</i>	4	Prefiro ficar na minha e ter paz.		Se custa minha paz, custa caro demais.

Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU

Por fim, o terceiro fator foi o Retraimento Emocional composto por 9 itens, sendo eles: 03, 05, 08, 21, 29, 33, 34, 35, 39. Esse fator diz respeito ao retraimento das emoções, que consiste em se afastar emocionalmente, para não experienciar os sentimentos. Os itens que obtiveram médias superiores a quatro representam 22,22 % do fator (n= 2).

Tabela 6

Itens pontuados com média acima de 4 no fator Retraimento Emocional

Itens	$\bar{x}$	P1	P2	P3	P4
5. <i>Valorizo mais a razão do que a emoção (guio-me mais pela cabeça do que pelo coração).</i>	4,75	É importante usar a cabeça sempre.	É mais importante a razão, porque a emoção passa.		Tinha perdido a razão, mas agora a razão é tudo para mim.
34. <i>Sou uma pessoa de sorte por ter tido pais tão bons.</i>	4,25		Com certeza tive pais muito bons.	Minha mãe foi boa, não tive contato com meu pai, mas meu padrasto foi bom para mim.	

Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU

Na Tabela 7, observamos que apenas a participante 2 tem um desempenho na YRAI estatisticamente diferente do grupo de participantes. Na comparação de resultados pareados através da estatística Wilcoxon, todas as vezes que o resultado da participante 2 foi comparado com as demais, os resultados obtidos foram discrepantes em relação aos outros, visto que as notas obtidas por ela apresentou médias mais altas que a das outras participantes. Esses dados mostram que a participante 2 é a que mais utiliza a estratégia de evitação, assim como, realiza com maior intensidade comparativamente as outras participantes.

Tabela 7

Resultados do Teste de Wilcoxon para verificar diferenças das respostas das participantes no YRAI

Participantes	Média	SD	SE	Coefficiente de variação
P1 YRAI	3.625	2.361	0.373	0.651
P2 YRAI	4.325	1.789	0.283	0.414
P3 YRAI	3.525	1.948	0.308	0.553
P4 YRAI	3.425	2.218	0.351	0.647

Medida 1	Medida 2	W	z	df	p
P1 YRAI	P2 YRAI	62.500	-2.078		0.038
P1 YRAI	P3 YRAI	226.000	0.184		0.861
P1 YRAI	P4 YRAI	164.500	0.414		0.687
P2 YRAI	P3 YRAI	274.500	2.054		0.040
P2 YRAI	P4 YRAI	344.000	2.293		0.021
P3 YRAI	P4 YRAI	227.500	0.216		0.836
N=4					

Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU

Na Tabela 8 observa-se que não houve diferença no desempenho das participantes quanto aos três fatores de evitação mensuradas pelo YRAI (somatização/busca de estimulação, evitação cognitiva, retraimento emocional; $p > 0,05$).

Tabela 8

Resultado da análise das diferenças entre os fatores do YRAI

	Mean	SD	SE
S	3.763	1.649	0.369
E	3.985	1.116	0.271
R	3.278	1.128	0.376

Measure 1	Measure 2	W	z	p
S	E	48.500	-0.653	0.531
S	R	10.000	-0.676	0.553
E	R	23.500	0.770	0.483
N=4				

Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU

S - Somatização/ Busca de Estimulação; E - Evitação Cognitiva e R- Retraimento Emocional.

5.2- Inventário de Compensação Young e Ryght (YCI-1)

O segundo inventário utilizado na pesquisa foi o Inventário de Compensação Young e Ryght (YCI – 1). Assim como apresentado anteriormente, as Tabelas 9, 10, 11 e 12 mostram os resultados obtidos pelas participantes no inventário composto por 44 itens. Para análise desse inventário, foi utilizado a validação brasileira de Pereira e Ribeiro (2021) com 4 fatores para a escala.

O primeiro fator é o Ordem excessiva/Individualidade composto por 12 itens, sendo eles: 13, 14, 20, 21, 23, 26, 28, 33, 34, 35, 43 e 44. Os itens fazem referência a comportamentos restritos, com previsibilidade por meio da ordem e do planejamento, assim como, rotina inflexível e cautela excessiva, com muito tempo destinado para a realização de tarefas de modo a evitar resultados negativos. Na Tabela 9 foram contabilizados apenas os itens que obtiveram média superior a 4, os itens selecionados compreendem 100% do fator (n=12).

Tabela 9

Itens pontuados com média acima de 4 no fator Ordem excessiva/Individualidade

<i>Itens</i>	<i>$\bar{x}$</i>	<i>P1</i>	<i>P2</i>	<i>P3</i>	<i>P4</i>
<i>13. Esforço-me muito para ter a minha vida em ordem (p.ex., organização, estrutura, planejamento, rotina).</i>	5,75	Eu que cuido das finanças da casa, me esforço para estar sempre tudo organizado.	Luto muito por isso.	Rotina para mim é fundamental estar em ordem.	É o que eu dou valor.
<i>14. Esforço-me muito para que as coisas não andem mal.</i>	5,75	É importante que tudo esteja do jeito certo.	Quanto mais em paz, melhor.	Fazia muito isso para o meu ex, até me mudei para a zona rural para agradar ele.	Sempre dou o meu melhor.
<i>20. Não gosto de depender de ninguém.</i>	6	Prefiro ser o mais independente possível.	Faço tudo sozinha, sempre foi assim.	É feio isso e quando a gente depende de alguém a pessoa acha que pode jogar as coisas na nossa cara.	Sempre fui independente.
<i>21. Para mim, é crucial tomar minhas próprias decisões e ser independente.</i>	5,25	Eu sei o que é melhor para mim.			É o mais importante para mim.

Tabela 9

*Itens pontuados com média acima de 4 no fator Ordem excessiva/Individualidade
(continuação)*

23. Gosto de trabalhar por conta própria, para ter liberdade de fazer o que eu quiser.	5	Sou autônoma e prefiro que seja assim.	Eu sei fazer bem o meu serviço.		Trabalho como vendedora autônoma e gosto disso.
26. Sou muitas vezes exigente com os outros porque gosto de tudo “muito certinho”.	4,75	Gosto de tudo certinho sempre.	Sou muito assim.		Principalmente com os filhos.
28. Para mim, é importante que o meu ambiente seja confortável (p.ex., temperatura, luz, mobília).	4,75	Importo muito com isso.			Preocupo muito com essas coisas lá em casa.
33. Sempre me destaquei por ser diferente; nunca fui atrás de outros.	4	Sempre tive meu próprio estilo e personalidade, sem importar com os outros.			Eu sou a alegria em pessoa.
34. Sou uma pessoa muito reservada; não gosto que as pessoas saibam muito sobre a minha vida particular ou meus sentimentos.	4,75	Sou de poucos amigos e não costumo contar minha vida para eles.	Não saio por aí falando as coisas da minha vida.	Se ficar dividindo os problemas com as pessoas, elas acham que podem ficar interferindo.	
35. Tento parecer forte, mesmo quando me sinto vulnerável ou inseguro.	5,25	Ninguém precisa saber o que está acontecendo.		Tento parecer forte por causa da família.	Muito difícil alguém me ver chorando ou sofrendo.
43. Tento ser otimista; não me deixo abater.	5	Mesmo quando tudo está mal, penso que vai melhorar.	Sou muito otimista, tenho certeza que as coisas vão melhorar.	Não posso me abater, tenho que cuidar das minhas filhas.	
44. Acredito que é importante mostrar “uma cara feliz” independentemente do que estou sentindo por dentro.	5,5	Ninguém precisa ficar com dó de mim.	Às vezes me permito ser vulnerável.	Preciso ser uma mãe forte para as minhas filhas.	Ninguém nunca fica sabendo pelo o que estou passando, estou sempre alegre independente do que aconteceu.

Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU

O segundo fator, nomeado como Busca de reconhecimento/Manipulação é composto por 13 itens, que são: 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 17, 22, 24, 37 e 40. Os itens dizem sobre comportamentos voltados para a busca de status, reconhecimento, atenção e que usam como formas para obter a satisfação própria a manipulação, sedução ou desonestidade. Os itens selecionados que obtiveram média superior a 4 compreende apenas 0,13% do fator (n=1) (Tabela 10).

Tabela 10

Itens pontuados com média acima de 4 no fator Busca de reconhecimento/Manipulação

<i>Itens</i>	$\bar{x}$	P1	P2	P3	P4
24. Não gosto de me sentir preso(a) a um único emprego ou carreira; gosto de manter as minhas opções em aberto.	5,25	Se eu tiver que mudar de profissão hoje, não terei problema.	Sei fazer de tudo, se me colocarem pra fazer outra coisa não vai ser problema.		Não tenho nenhum problema com isso.

Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU

O terceiro fator é a Agressão/Hostilidade composta por 7 itens: 1,2, 3, 15, 16, 36 e 41. Os itens fazem referência a comportamentos de contra-ataque ao outro, seja abusando, criticando, desafiando, culpando ou atacando. Foram selecionados 3 itens (n=3) que obtiveram média superior a 4, resultando em 42,85% do fator (Tabela 11).

Tabela 11

Itens pontuados com média acima de 4 no fator Agressão/Hostilidade

<i>Itens</i>	$\bar{x}$	P1	P2	P3	P4
15. Quando tenho que tomar decisões, fico me torturando com medo de errar.	4		Geralmente sim, foi difícil vir aqui denunciar.	Sempre escolho errado, fico me torturando.	Em relação a organização e filhos.
16. Sou muito controlador com as pessoas que me rodeiam.	5	Gosto que façam as coisas certas.	Com os meus filhos sim, fico em cima para que eles estudem e façam tudo certo.		
36. Às vezes sou muito possessivo(a) ou apegado(a) às pessoas que estimo.	4,75		Sou muito assim, infelizmente.	Não tenho facilidade em gostar de alguém, mas quando gosto quero a pessoa só para mim.	Tenho muita dificuldade de desapegar.

Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU

Por fim, o último fator é nomeado como Rebelião, composto por 8 itens: 18, 19, 29, 30, 31, 38, 39 e 42. Os itens fazem referência a formas de se comportar que visa a punição aos outros, procrastinação, atraso, falta de desempenho e reclamações. Foram encontrados três itens com média superior a quatro ($n=3$), resultando em 37,5% do fator (Tabela 12).

Tabela 12

Itens pontuados com média acima de 4 no fator Rebelião

Itens	$\bar{x}$	P1	P2	P3	P4
18. Não gosto que me digam o que fazer.	4,5	Eu sei o que tenho que fazer, não precisam me dizer.	As pessoas falavam para eu vir denunciar, mas não gostava de fazer o que eles queriam.		
31. Gosto de ser não convencional, mesmo que isso seja pouco popular ou que faça com que seja colocado de lado.	4,5	Quando cheguei na cidade e vi que todos se vestiam iguais, fiz questão de manter o meu estilo diferente.	Eu tenho minha própria personalidade.		Eu sou diferente e gosto disso.
39. Mantenho os outros à distância e só deixo que saibam de mim o que eu quero.	4,5	Só sabem de mim o que eu permito que saibam.		Só sabem de mim o que eu quero que saibam.	

Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU

A seguir, na Tabela 13 é demonstrado os resultados da estatística Wilcoxon para o YCI. Com os resultados, é possível observar que apenas a participante 2 tem um desempenho estatisticamente diferente do grupo de participantes ($p<0,001$ em relação a P3 e $p<0,005$ em relação a P4).

Tabela 13

Resultados do Teste de Wilcoxon para verificar diferenças de respostas das participantes no YCI

Medida 1	Medida 2	W	z	P
P1	P2	131.000	-2.487	0.994
P1	P3	271.500	1.168	0.119
P1	P4	84.000	0.355	0.370
P2	P3	566.500	3.668	< .001
P3	P4	205.000	-0.843	0.806
P2	P4	472.500	2.580	0.005

N=4

Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU

Na Tabela 14 é apresentado o resultado da análise das diferenças entre os fatores do YCI. Observa-se que houve diferença apenas em relação ao fator ordem excessiva/individualidade, quanto as formas de compensação mensuradas pelo YCI 1 ($p < 0,05$).

Tabela 14

Resultado da análise das diferenças entre os fatores do YCI

Fator	Média	SD	Var
O	5.146	0.559	0.161
BR	2.500	1.033	0.276
AG	3.357	1.361	0.514
RB	3.406	1.052	0.372

Medida 1	Medida 2	W	z	p
O	BR	78.000	3.059	0.002
O	AG	15.000	2.023	0.059
O	RB	36.000	2.521	0.014
BR	AG	4.500	-1.606	0.127
BR	RB	6.500	-1.610	0.123
AG	RB	14.000	0.000	1.000

Nota. Teste de sinais de Wilcoxon

Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU

O= Ordem excessiva/Individualidade; BR= Busca de reconhecimento/Manipulação; AG= Agressividade/Hostilidade e RB= Rebelião

5.3 Comparação do desempenho das participantes na YRAI e YCI

Quando testou-se a hipótese de haver diferenças de desempenho do grupo no YRAI e YCI, não observou-se diferença estatisticamente significativa ($p=0,618$), conforme os dados apresentados na Tabela 15.

Tabela 15

Resultados do Teste de Wilcoxon para verificar diferenças entre o desempenho no YRAI e no YCI.

	Média	SD	SE	Coeficiente de variação
YRAI	3.725	1.404	0.222	0.377
YCI	3.597	1.473	0.222	0.410
Medida 1	Medida 2	W	Z	p
YRAI	YCI	385.000	0.505	0.618

Note. Wilcoxon signed-rank test.

N=4

Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU

Quando testou-se a hipótese de diferença de desempenho, individualmente, entre YRAI e YCI, também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na amostra geral ($p > 0,05$), conforme os dados apresentados na Tabela 16.

Tabela 16

Resultados do Teste de Wilcoxon para verificar diferenças do resultado das participantes, respectivamente, no YRAI e no YCI.

	Média	SD	SE	Coefficiente de variação
P1 YRAI	3.625	2.361	0.373	0.651
P1 YCI	3.500	2.377	0.358	0.679
P2 YRAI	4.325	1.789	0.283	0.414
P2YCI	4.455	1.389	0.209	0.312
P3 YRAI	3.525	1.948	0.308	0.553
P3 YCI	3.023	1.886	0.284	0.624
P4 YRAI	3.425	2.218	0.351	0.647
P4 YCI	3.409	2.286	0.345	0.670
Medida 1	Medida2	W	Z	p
P1 YRAI	P1 YCI	126.000	0.365	0.724
P2 YRAI	P2YCI	225.500	-0.441	0.663
P3 YRAI	P3 YCI	319.500	1.401	0.161
P4 YRAI	P4 YCI	195.500	0.156	0.885
N=4				

Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU

5.4 Resultados qualitativos

Além dos resultados dos inventários, foram analisados também, de forma qualitativa, as respostas obtidas através da pergunta disparadora: O que você faz logo após ter sofrido violência verbal, física, psicológica, sexual e patrimonial? Os resultados foram registrados e analisados em forma de nuvem de palavras, utilizando o recurso do site MentiMeter. Para a nuvem de palavras foi considerado termos chaves das respostas em cada tipo de violência, sendo os termos maiores e em destaques, aqueles que mais se repetiram no discurso das participantes. Abaixo seguem as Figuras de 1 a 5, referentes a cada nuvem de palavras dos cinco diferentes tipos de violência que foram consideradas.

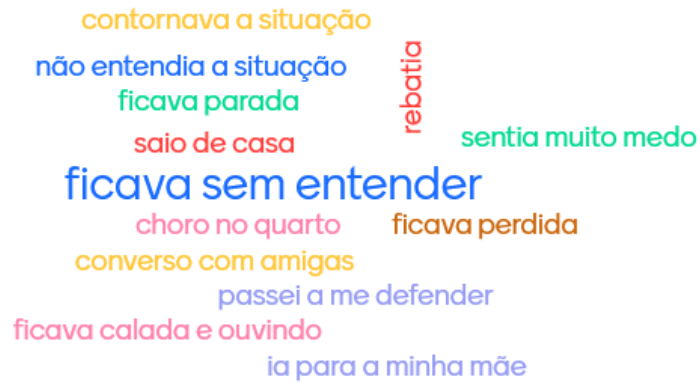
Figura 1

Nuvem de palavras referente as respostas obtidas sobre a violência verbal.

Go to www.menti.com and use the code 3527 7931

Violência verbal

Mentimeter



Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU

Figura 2

Nuvem de palavras referente as respostas obtidas sobre a violência física.

Go to www.menti.com and use the code 3887 8658

Violência Física

Mentimeter



Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU

Figura 3

Nuvem de palavras referente as respostas obtidas sobre a violência psicológica.

Go to www.menti.com and use the code 4986 3498

Violência psicológica

Mentimeter

me sentia angustiada muita dor no corpo
falava que eu traia ficava sem argumentos
não acreditava nele
falava para parar deixava ele falar
brigava medo das ameaças nariz sangrava
achava que ele ia fazer
sentia muito medo
me tratava mal sem motivo
acreditava ser inferior
tentava me defender

Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU

Figura 4

Nuvem de palavras referente as respostas obtidas sobre a violência sexual.

Go to www.menti.com and use the code 1790 7981

Violência sexual

Mentimeter

negava e ele respeitava ele forçava e eu cedia
aconteceu 1 vez
cedia por insistencia
forçou relação sexual
ameaçava minhas filhas respeitava minha vontade
eu cedia por medo
forçou cerca de 10 vezes
nunca forçou relação
chamei a polícia e fiz bo

Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU.

Figura 5

Nuvem de palavras referente as respostas obtidas sobre a violência patrimonial.



Fonte: Laboratório de Psicologia Experimental IPUFU

6. Discussão

6.1- Inventário de Evitação Young e Ryght (YRAI-1)

Após a análise dos resultados apresentados do Inventário de Evitação Young e Ryght (YRAI-1), é possível identificar que dos três fatores categorizados, os pontuados com notas superiores a 4 foram respectivamente: Evitação Cognitiva, tendo 64,70% dos itens pontuados acima de 4, seguido por Buca de Estimulação com 50% e, por fim, o fator Retraimento Emocional com 22,22%.

As formas de enfrentamento desadaptativas com padrão evitativo classificam-se de acordo com 4 modos evitativos, que são caracterizados como um conjunto de comportamentos específicos que visam o afastamento de emoções desconfortáveis, sendo eles o “Protetor Desligado, Protetor Autoaliviador, Protetor Zangado e Protetor Evitativo” (Young et al., 2003).

No *Protetor desligado*, os comportamentos são automáticos, com afastamento das emoções, sensações e pensamentos, assim como, das necessidades internas. Nesse modo, há grande ocorrência de comportamentos de automutilação, psicossomática, entre outros

(Paim & Cardoso, 2022). No inventário, a partir das médias em cada item, pode-se inferir que esse modo é ativado nas participantes como forma de enfrentamento, principalmente, pela média geral nos itens 12. *Tenho muitas vezes dores de cabeça* ($X=4,5$); 38. *Sinto-me fisicamente doente quando as coisas não vão bem* ($X=4,25$); 32. *Tenho a tendência de não pensar em minhas perdas ou decepções.* ($X= 4,75$). Além de ser observado também nas respostas qualitativas das participantes em relação aos itens do inventário que demonstram o distanciamento das emoções como em: “Esses dias estou sem reação” (P4), “O corpo todo dói” (P2), “Não tenho sentimentos ruins por ninguém” (P1).

Os dados supracitados, fazem referência também ao fator Evitação Cognitiva, o mais pontuado do inventário, mostrando que as participantes possuem uma tendência a não entrarem em contato com as emoções provocadas pela relação conflitante. Essa é uma forma de buscar não pensar sobre as situações que possam desencadear algum tipo de sofrimento emocional ativando assim, o modo Protetor Desligado. Na literatura sobre relacionamentos abusivos, muito se fala sobre o ciclo da violência que passa por diversas fases: Lua de mel - Tensão - Explosão (Albertim & Martins, 2018), o que pode ser uma explicação para as notas altas dadas para esse fator pelas participantes.

O ciclo da violência ao ser reproduzido diversas vezes, pode gerar a aprendizagem de que evitar entrar em contato com os sentimentos causados pelas fases de tensão e explosão garante a permanência do relacionamento e a expectativa de (re)vivenciar a fase da lua de mel, fase marcada pelo arrependimento do agressor e inúmeras promessas de mudança. A P4 indica ter essa crença ao responder a pergunta disparadora relatando ter sido agredida 37 vezes e ter permanecido no relacionamento pelo fato do ex-companheiro ser uma pessoa boa, apesar dos episódios de agressão física.

Já o modo *Protetor Autoaliviador*, procura formas de se engajar em atividades que lhe acalmem, distraiam ou estimulem outros sentimentos diferentes daqueles, dos quais, o indivíduo quer estar distante (Paim & Cardoso, 2022). Pode-se identificar a ativação desse modo a partir das médias acima de 4 nos itens 16. *Vejo muita TV quando estou sozinho(a).* ($X=6$); 23. *Sinto-me melhor quando ando de um lado para o outro; não gosto de ficar muito tempo parado(a)* ($X=5$); 24. *Procuro estar sempre ocupado(a) para não me sentir aborrecido(a)* ($X= 5,25$) e 28. *Sinto-me melhor se me mantiver constantemente ocupado(a), sem ter muito tempo para pensar* ($X= 5,5$). Assim como, pode ser também identificado pelas respostas qualitativas que exemplificam como o engajamento em outras atividades acontece “Fico muito na TV e no celular” (P2), “Cabeça vazia só pensa em coisas ruins” (P1), “Eu prefiro estar sempre fazendo alguma coisa, estar ocupada” (P3).

O segundo fator mais pontuado, é o Somatização e Busca por estimulação que diz sobre a busca por atividades estimulantes, assim como no Protetor Autoaliviador, e também sobre sintomas psicossomáticos que surgem no processo de evitar entrar em contato com sentimentos ou situações que causem sofrimento. Essas doenças se caracterizam como um pedido de socorro frente aos conflitos psíquicos vivenciados (Mello, 2010). Os itens relacionados a ocorrência de fatores orgânicos advindos das situações conflitantes foram pontuados com notas altas, principalmente os itens 12. *Tenho muitas vezes dores de cabeça* ($X=4,5$) e 38. *Sinto-me fisicamente doente quando as coisas não vão bem* ($X= 4,25$).

A ocorrência de doenças psicossomáticas é um fator muito comum em decorrência dos relacionamentos abusivos e podem gerar consequência irreversíveis tanto na saúde física como na saúde mental (Tosta, 2017). A P2 ao ser questionada na pergunta disparadora em relação a como reage após ter sofrido violência psicológica relatou “Sempre que eu saia de casa ele falava que eu estava encontrando outros homens e logo após isso meu nariz sangrava e sentia dores no corpo”. Mesmo a violência não se manifestando de forma física, os sintomas podem se manifestar também como ansiedade ou baixa autoestima, como na resposta da P1 “Eu ficava sem argumentos, acreditava ser inferior, deixava ele falar e me sentia angustiada.”

O terceiro modo evitativo é o *Protetor Zangado*, que se expressa com manifestações constantes de raiva, mal humor e comportamentos de oposição (Paim & Cardoso, 2022). Em relação a esse modo, ele foi pouco observado nas respostas dos itens do inventário. Entretanto, as participantes relataram expressões de comportamentos agressivos como forma de revidar as agressões sofridas. Ao serem perguntadas sobre como reagiam após sofrerem violência física disseram: “Eu revidava de imediato e o meu ex se afastava de mim” (P1) e “Quando aconteceu a agressão eu tentei revidar e pedia por socorro” (P2).

O último modo, é o *Protetor Evitativo* que consiste na evitação comportamental de situações com potencial acesso a emoções negativas Arntz (2012). A partir dos dados obtidos, esse modo também foi pouco observado em relação aos demais. Os itens do inventário fazem uma maior referência a outras formas de evitação e o conteúdo de evitação comportamental também não aparece de forma significativa nas respostas da pergunta disparadora. Essa ausência de respostas comportamentais de evitação podem explicar porque essas mulheres continuaram expostas ao ciclo de violência ao qual forma submetidas.

Nos estudos de Paim e Cardoso (2022), os autores fizeram uma série de relações entre os EIDs e como as formas de evitação, hipercompensação e resignação podem aparecer nos relacionamentos amorosos. Apesar do tema central deste estudo não se pautar na identificação dos EIDs das participantes, os resultados obtidos, principalmente a justificativa das respostas dadas no YRAI-1 sugerem a presença de EIDs de Isolamento Social. Os EIDs de Isolamento Social estão ligados a evitar situações que possam resultar em conflitos no relacionamento, assim como, se manter afastada de outras pessoas do convívio, como nas respostas: “Fico longe de todos” (P3) e “Fico no meu quarto, na minha” (P4).

Alguns autores se dedicaram a identificar os EIDs presentes em mulheres que vivenciam situações de violência conjugal. O estudo de Barbosa et. al (2019) buscou compreender os domínios esquemáticos presentes nas vítimas de violência conjugal. Os resultados indicaram uma maior ativação do domínio “Desconexão e Rejeição”, o qual, o esquema de Isolamento Social pertence.

No estudo de Paim, Madalena e Falcke (2012), foi investigado a correlação entre os EIDs e a perpetuação da violência conjugal. Os resultados indicaram uma correlação positiva envolvendo violência conjugal e os EIDs de desconfiança/abuso, isolamento social/alienação, defectividade/vergonha para a perpetração da violência, relacionando os esquemas com atitudes violentas contra o parceiro. Já os esquemas postura punitiva e padrões inflexíveis foram associados significativamente à vitimização por parceiro íntimo. Assim, é possível que as respostas de enfrentamento desadaptadas do tipo evitação mantenha o esquema de isolamento social que por sua vez, reforce respostas evitativas, como as justificadas no YRAI-1.

6.2 Inventário de Compensação Young e Ryght (YCI-1)

Após a análise dos resultados apresentados do Inventário de Compensação Young e Ryght (YCI-1), é possível identificar que dos quatro fatores categorizados, os que mais foram pontuados com notas superiores a 4, em sequência foram: Ordem Excessiva/Individualidade, obtendo 100% dos itens pontuados acima de 4, seguido por Agressão/Hostilidade com 42%, Rebelião com 37% e, por fim, o fator Manipulação com 0,13%.

A hipercompensação é a forma de enfrentamento na qual o indivíduo tende a apresentar comportamentos mais relacionados a estratégia de luta perante a esquemática ativada em um contexto, utilizando formas de controle, agressividade, exigências exageradas e abuso (Paim & Cardoso, 2019).

Na amostra desse estudo, o fator Ordem Excessiva/ Individualidade obteve 100% dos seus itens pontuados com medias superiores a 4. Esse fator faz referência a busca pela ordem e planejamento, rotina e controle de modo a evitar resultados negativos, como nos exemplos das respostas aos itens do fator: “É importante que tudo esteja do jeito certo.” (P1), “Faço tudo sozinha, sempre foi assim.” (P2), “Rotina para mim é fundamental estar em ordem.” (P3) e “Sou muito exigente, principalmente com os filhos.” (P4).

As descrições dos comportamentos desse fator podem ser identificadas também como ativação de duas subcategorias do enfrentamento hipercompensador: o *Desconfiado/Supercontrolador* e o *Perfeccionista*, que utilizam hipervigilância, controle e ações obsessivas para se proteger (Paim & Cardoso, 2019). Quando trata-se da ativação desses modos em mulheres que vivenciam violência doméstica, pode-se pensar que elas utilizam o controle, ordem e planejamento como formas de buscar inibir as situações de descontrole do parceiro, com a crença de não lhe dar “motivos” para se exaltar. Ou até mesmo pela falta de controle no relacionamento devido as instabilidades decorrentes da violência conjugal, as participantes reproduzem esse controle em outras áreas da vida como na criação dos filhos ou trabalho.

O fator Agressão/Hostilidade teve três itens com médias superiores a 4, sendo eles: 15. *Quando tenho que tomar decisões, fico me torturando com medo de errar* ($X= 4$), 16. *Sou muito controlador com as pessoas que me rodeiam.* ($X=5$). 36. *Às vezes sou muito possessivo(a) ou apegado(a) às pessoas que estimo* ($X= 4,75$). As respostas qualitativas aos itens citados evidenciam o apego excessivo como uma forma de controle na relação: “Sou muito assim, infelizmente” (P2), “Não tenho facilidade em gostar de alguém, mas quando gosto quero a pessoa só para mim” (P3) e “Tenho muita dificuldade de desapegar” (P4).

A manutenção de um relacionamento violento se dá por diversos fatores como descritos na literatura, sejam eles falta de rede de apoio, inseguranças quanto a ausência da figura paterna na criação dos filhos, dentre outros. Porém, um ponto importante a ser analisado, principalmente com os dados obtidos, são as formas de apego. O que indica que as participantes possam ter um estilo de apego do tipo preocupado, com medo do abandono

e se apegando de forma excessiva aos seus cônjuges, colaborando para a manutenção desse relacionamento apesar das perdas e agressões que vão ocorrendo ao longo do tempo (Bartholomew & Horowitz, 1991).

O fator Rebelião também teve três itens pontuados com médias acima de 4, sendo eles: 18. *Não gosto que me digam o que fazer*; 31. *Gosto de ser não convencional, mesmo que isso seja pouco popular ou que faça com que seja colocado de lado* e 39. *Mantenho os outros à distância e só deixo que saibam de mim o que eu quero*. Os itens desse fator foram pontuados com médias de 4,5 e foram justificados com as seguintes respostas “As pessoas falavam para eu vir denunciar, mas não gostava de fazer o que eles queriam (P2) e “Só sabem de mim o que eu permito que saibam”. (P1).

As respostas dos itens indicam uma ativação dos EIDs de Isolamento Social/ e Desconfiança e abuso indicando a ideia de que os outros (amigos, parentes, vizinhos, etc.) não são confiáveis, são abusadores e, em contrapartida, o companheiro se torna a pessoa a quem se deve confiar. . A medida que idealizam o relacionamento amoroso a dinâmica abusiva no qual as participantes estavam inseridas, é reforçada e pode haver um enfraquecimento das outras relações sociais da companheira, levando-a a um isolamento perigoso.

Por fim, o último fator do inventário o Busca por Status/ Manipulação obteve apenas 0,13% dos itens com médias superiores a 4. A porcentagem refere-se apenas ao item 24. *Não gosto de me sentir preso(a) a um único emprego ou carreira; gosto de manter as minhas opções em aberto*.

Apesar da média geral indicar uma porcentagem muito baixa, cabe destacar o desempenho da participante 2, nesse fator da escala. A soma total da participante 2 para esse fator totalizou 57 pontos, indicando o dobro em relação às outras participantes P1= 27, P3= 24 e P4= 25. E para as respostas qualitativas, a participante 2 trouxe as seguintes falas exemplificadas para os itens: 8. “Trabalho para ficar rica, sonho com isso”; 9. “Gosto de ser notada quando chego pela minha alegria”; 12. “Sou uma pessoa interessante” e 37. “Se eu quero muito algo, as vezes posso ser manipuladora.”

A partir das respostas da participante 2, pode-se inferir que a estratégia hipercompensatória que ela mais utiliza para lidar com a violência conjugal era o *Autoengrandecimento*, e que parece apresentar comportamento autoritário, competitivo e, busca constante por status conforme expressado pelas suas falas. Esse tipo de estratégia pode favorecer ciclos de violência mais graves, uma vez que tais comportamentos levam a

uma instabilidade ainda maior no vínculo, o que pode ser percebido pelo parceiro agressor como uma afronta e um gatilho potente para o ciclo de violências.

6.3 Comparação do desempenho das participantes na YRAI e YCI

As participantes da pesquisa obtiveram pontuações altas, tanto no YRAI quanto no YCI, sugerindo que as duas formas de enfrentamento desadaptativos são extensivamente usadas, inclusive em seus relacionamentos conjugais abusivos. A participante 2, obteve as pontuações mais altas em quase todos os fatores nos dois inventários em relação as demais, em especial, o fator Somatização e Busca de Estimulação (90 pontos), na escala YRAI e no fator Busca de Reconhecimento/ Manipulação do YCI (57 pontos) que totalizaram o dobro da pontuação das demais. Isso fez com que seu desempenho fosse estatisticamente diferente das demais participantes. Durante as entrevistas relatou que ao ser agredida verbalmente ou psicologicamente sempre rebatia e nunca deixava “passar batido”. Na sua história de vida ela relata que sempre esteve sozinha e que não precisava depender de ninguém, seja para ter bens materiais ou para ser feliz. Mas, apesar de confrontar o ex-companheiro quando era agredida, os episódios de somatização eram recorrentes com dores no corpo, dores de cabeça e episódios em que o nariz sangrava. Em relação a agressão física, ela relata que só aconteceu depois que o relacionamento já tinha terminado demonstrando profunda dor com o que aconteceu, alegando que “agressão física não tem perdão”. Os fatos da história da participante e como ela lidava com os acontecimentos, podem explicar suas respostas aos inventários, mostrando que ambas as estratégias de enfrentamento estavam presentes e de forma significativa.

Considerando que não houve diferença estatística entre as duas formas de enfrentamento (evitação e hipercompensação) é possível supor que ambas as estratégias sejam utilizadas, e que a evitação cognitiva e ordem excessiva sejam recursos de enfrentamento desadaptados mais comuns nessas participantes. No estudo de Taşcouve e Soygüt (2016), os autores realizaram uma pesquisa com mulheres vítimas de violência doméstica e analisaram fatores sociodemográficos, análise de esquemas, estilos parentais e as formas de enfrentamento como preditores para a vitimização por parceiro íntimo. Nesse estudo as formas de enfrentamento analisadas (evitação e compensação) não permitem prever a vitimização pelo parceiro. Nossos dados sugerem que é provável que a evitação

cognitiva iniba a flexibilização de EIDs , uma vez que a mulher evita pensar sobre o que lhe aconteceu, dificultando uma elaboração da experiência e favorecendo, indiretamente, a perpetuação do ciclo abusivo.

Da mesma maneira, a necessidade hipercompensada de manter tudo em ordem (ordem excessiva) possivelmente para manter uma ilusão de controle sobre a própria vida, igualmente desfavorece a elaboração da violência e das formas de abuso perpetuando o ciclo de violência.

A partir da análise dos dois inventários utilizados nessa pesquisa, pode-se entender que existem formas de enfrentamento diferentes para lidar com a dinâmica abusiva. No relacionamento conjugal, de acordo com a esquemática envolvida (Paim & Cardoso, 2019) pode haver a interação de dois modos de enfrentamento do casal, podendo ser uma interação do tipo evitação/ hipercompensação. Nesses casos, há uma maior probabilidade de conflitos, dominação e uma consequente violência conjugal. É possível que o padrão evitativo dessas participantes possam ter favorecido padrões hipercompensados em seus parceiros, perpetuando o ciclo de violência. Da mesma forma, se supormos que ambos os parceiros adotam padrões hipercompensados, isso pode aumentar ainda mais o nível de violência conjugal, uma vez que nesses casos, a mulher provavelmente revidará a violência, podendo sofrer ainda mais agressão.

6.4 Dados Qualitativos.

As repostas da pergunta disparadora permitiram compreender como os enfrentamentos atuavam para a manutenção do relacionamento, assim como, as contingências de reforço e punição envolvidas na dinâmica conjugal (Pereira et. al, 2018). Além disso, como o contexto da coleta de dados ocorreu durante o momento da denúncia, buscou-se compreender também o estímulo/situação que foi responsável pela decisão de denunciar o ex-companheiro pelas agressões sofridas.

A violência verbal, também pode ser enquadrada em uma violência moral, e foi escolhida essa denominação para que fosse englobadas também as falas agressivas caracterizada por uso de xingamentos, calúnias ou outras formas de denegrir a imagem das participantes. Durante os relatos das participantes, essa foi a agressão relatada como a mais

frequente vivenciada por elas. As respostas de como elas reagiam após passarem pela violência verbal pautaram-se em ficar sem reação, não entender o que estava acontecendo e porque estava acontecendo, seguido de choro e tentativas de se defender. A P2, afirmou que de tanto ouvir fatos inverídicos sobre ela por parte do ex-companheiro, ela reagiu várias vezes dizendo "Se você fala que sou isso, então eu vou te mostrar que posso ser", já a P4 relatou "Eu ficava perdida, sem entender o porquê de aquilo estar acontecendo, ficava calada e escutando ele me chamar de puta, vagabunda, ..."

A violência verbal relatada pelas participantes como "algo natural", podendo ser entendida através da ótica da sociedade machista na qual estão inseridas. Todas as participantes possuíam relacionamentos heteroafetivos e no decorrer da história, o machismo esteve presente e desresponsabilizava os homens por falas agressivas ou qualquer outro comportamento raivoso. Esses comportamentos eram explicados como algo natural do sexo masculino e que era obrigação das mulheres entenderem e aceitarem (Júnior & Ribeiro, 2018). A sociedade vêm ressignificando essas questões e renomeando o que antes era considerado natural como agressão, porém resíduos desse pensamento ainda estão presentes como pode-se perceber nas falas das participantes.

A violência física foi relatada como a forma de agressão mais fácil de ser identificada e ocorreu com todas as participantes, além de acontecer com certa frequência na maioria dos relatos. A P1, relatou que em decorrência das agressões teve duas costelas quebradas e escoriações pelo corpo. A P3, afirmou que o ex-companheiro simulou um acidente, no qual, apenas ela machucou, ocasionando 9 pontos na região da face. A P4, relata ter sido agredida 37 vezes ao longo do relacionamento, sempre ocasionado hematomas e em uma das agressões afirma que estava grávida e sofreu um aborto.

Os relatos de vítimas de violência doméstica mostram que a violência física é sempre precedida de outras formas de violência, como consequência das demais. É importante pensar também que, assim como, a violência verbal é naturalizada, a violência física apresenta alguns fatores de risco associados a vitimização por parceiro íntimo. Dentre esses fatores entende-se a exposição a cenários de violência familiar, ter presenciado a mãe ser agredida ou ter sido vítima de violência na infância (Vieira, Perdoná, & Santos (2011). Apesar de não ter sido o foco desse estudo o aprofundamento da história de vida das participantes, o relato da P2 "...apenas pai e mãe podem bater", sugere que ela tenha sido vítima de violência na infância.

A violência psicológica foi a que mais apresentou significações próprias para as participantes. A P1, relatou que as violências eram feitas de modo a lhe rebaixar, e que tais agressões acabavam com a sua autoestima, lhe fazendo acreditar ser inferior. A P2 interpretou a violência psicológica como os momentos nos quais o ex-companheiro colocava em dúvida a fidelidade da participante e como forma de reagir as calúnias, ela apresentava somatizações. A P3, interpretou esse tipo de violência como o uso de ameaças feitas contra ela, do tipo "vou mandar o pessoal do tráfico raspar seu cabelo, vou mandar te matar" e afirma ter sentido muito medo de que as ameaças se concretizassem. A P4, trouxe episódios que o ex-companheiro ameaçava tomar veneno, caso ela terminasse com ele, para exemplificar como acontecia a violência psicológica em seu relacionamento e que apesar de não acreditar que ele poderia atentar contra a própria vida, eles continuavam juntos.

A violência psicológica é utilizada como estratégia de controle, usando o emocional da vítima de modo a fazer com que ela acredite ser inferior, estimulando a dependência e o sentimento de culpa da agredida. Hirigoyen (2006) afirma que as mulheres nessa condição passam a desacreditar no seu senso da realidade, duvidando de tudo o que presencia e colocando seus sentimentos como exageros, precisando de uma terceira pessoa para confirmar os fatos reais.

Em relação a violência sexual a P2 e P4 disseram não ter sido vítimas, em contrapartida a P3 relata que "Aconteceu cerca de 10 vezes. Ele forçava e eu cedia por medo e chorava. Quando eu negava, ele dava murros no travesseiro e falava que ia matar as minhas filhas." A P1 disse ter sido agredida sexualmente uma vez durante o relacionamento e que logo após ter sofrido a agressão sexual, registrou boletim de ocorrência do fato. Cabe ressaltar que a violência sexual pode ser expressa de diferentes formas, desde a aplicação de uso de força para conseguir relações sexuais a ter controle sobre os direitos reprodutivos da mulher, conforme previsto na Lei Maria da Penha (Brasil, 2006).

Por fim, a violência patrimonial esteve presente no relato das 4 participantes. A P4 relatou que o ex-companheiro lhe presenteava e depois quebrava os próprios presentes como forma de intimidação, a P3 trouxe que após a separação não conseguiu pegar os móveis, pois o agressor alegava "tudo que está dentro da minha casa é meu", o mesmo aconteceu com a P2 que demonstrava profundo descontentamento com o fato do seu ex-companheiro apropriar-se de seus bens e usá-los como se fossem dele. De todas as

participantes, a que mais apresentou questões envolvendo a violência patrimonial foi a P1, que relata ter morado com o ex-marido por 20 anos após a separação, pois ele não aceitava vender os bens que possuíam em comum e relatou ainda que a situação que a levou a denunciar, além das agressões sofridas, foi o fato dele ter zerado a conta conjunta que possuíam gastando o dinheiro em festas e casas de prostituição.

Baptista (2020) afirma que a violência patrimonial pode ser entendida como uma questão de gênero, pautada no conservadorismo e discursos culturais. As participantes do estudo citado, assim como dessa pesquisa, foram prejudicadas financeiramente durante o relacionamento, abriram mão de tudo no divórcio ou tiveram prejuízo na partilha de bens. Mas, além desses fatores, é importante também ressaltar que a violência patrimonial é um recurso para a manutenção do relacionamento violento, o qual, é permeado pela ameaça de que a vítima passará por dificuldades financeiras, na criação dos filhos e até mesmo em suprir suas necessidades básicas para a sobrevivência, caso se separe do seu cônjuge.

7. Conclusão

A temática das formas de enfrentamento desadaptativas nos relacionamentos abusivos é um tema com poucas publicações. Os dados dessa pesquisa contribuem para a literatura atual, além de servir como uma base para os profissionais da Psicologia no atendimento de vítimas de violência doméstica. Nossos dados mostram que é preciso traçar estratégias para o enfrentamento adaptativo dessas mulheres, perante as situações de violência, e que é preciso trabalhar tanto as evitações quanto as hipercompensações para dirimir o ciclo de violência conjugal.

Em relação a estratégia de evitação, as participantes apresentaram uma pontuação maior para o fator “evitação cognitiva” como forma de se afastarem emocionalmente dos sentimentos causados pelo relacionamento abusivo. Evitar pensar sobre a violência sofrida dificulta decisões de separar-se do agressor e manter-se protegida. Cabe destacar que metade de nossa amostra retirou a queixa e declinou da medida protetiva, voltando a sofrer violências. As somatizações parecem acompanhar os mecanismos evitativos empregados pelas participantes, comprometendo sua saúde física, além da saúde mental. Já a hipercompensação parece ser feita buscando gerar uma atmosfera de ordem e individualismo. A busca por padrões ordenados e inflexíveis nas outras áreas da vida

dessas mulheres podem manter uma ilusão de controle que dificulta elaborar a desorganização interna promovida pelo relacionamento abusivo.

O tamanho da amostra não permite generalizações, mas os dados quantitativos e qualitativos obtidos em nosso estudo (contexto de solicitação de medida protetiva) podem abrir uma agenda de pesquisas no campo. Sugere-se para futuros estudos, a ampliação da amostra e estudos correlacionais com EIDs e modos de esquemas que permitam relacionar as formas de enfrentamento desadaptadas com esses padrões de funcionamento nocivos em mulheres que procuram medidas protetivas.

8. Referências

- Agência Patrícia Galvão (2022). Por dia, quase 51 mil mulheres sofreram violência no Brasil em 2022. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/por-dia-quase-51-mil-mulheres-sofreram-violencia-no-brasil-em-2022/>
- Albertim, R. & Martins, M. (2018). Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relações tóxicas. Artigo científico apresentando em 41º Congresso Brasileiro da Comunicação –Joinville –SC. Intercom –Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Universidade Federal Rural de Pernambuco, PE. Recuperado de <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0301-1.pdf>
- Alves, A. M. & Coura, P. F. (2001). Avaliação das Ações de Atenção às mulheres sob violência no espaço familiar, atendidas no centro de apoio a mulher (Belo Horizonte), entre 1996 e 1998. *Ciência & Saúde Coletiva*, 6(1), 243-257. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232001000100020>
- Arntz, A. (2012). Schema therapy for cluster C personality disorders. In M. Vreeswijk, J. Broersen, & M. Nadort (Orgs.), *The Wiley-Blackwell Handbook of Schema Therapy, research and practice* (pp. 397-414). Oxford: John Wiley & Sons.
- Baldissera, D., Paim, K., Predebon, B. M., & Feix, L. F. (2021). Contribuições da Terapia do Esquema em relacionamentos conjugais abusivos: uma revisão narrativa. *PSI UNISC*, 5(1), 51-67. DOI: <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v5i1.15386>
- Barbosa, T. P. et al. (2019). Domínios Esquemáticos Apresentados por Mulheres em Situação de Violência Conjugal. *Rev. Psicol. IMED*, Passo Fundo, 11 (2), 51-68. Recuperado em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpi/v11n2/05.pdf>
- Baptista, R, R, O. (2020). Você e seus filhos vão morrer de fome: A violência patrimonial e a permanência da mulher no relacionamento abusivo. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti. Paraná, Brasil. Recuperado de: <https://tede.utp.br/jspui/bitstream/tede/1777/2/VOCE%20E%20TEUS%20FILHOS.pdf>

- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226-244. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.2.226>
- Bradbury, T. N., & Fincham, F. D. (1990). *The psychology of marriage: basic issues and applications*. New York: Guilford.
- Brasco, P. J., & De Antoni, C. (2020). Violências Intrafamiliares Experienciadas na Infância em Homens Autores de Violência Conjugal. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 40 (Psicol. cienc. prof., 2020 40), e218119. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003218119>
- Brasil (2006). Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 8 ago. 2006. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.html.
- Brasil (2014). Ministério Público do Distrito Federal. Núcleo de Gênero da Coordenação dos Núcleos de Direitos Humanos. Mulher, Valorize-se: Conscientize-se de seus direitos. Recuperado de: https://www.mpdft.mp.br/portal/pdf/imprensa/cartilhas/cartilha_mulher_valorize_se.pdf
- Brasil (2021). Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH). Disque 100 e Ligue 180 registram cerca 1 mil denúncias de violações de direitos humanos por dia em 2020. Recuperado de: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/marco/disque-100-e-ligue-180-registram-cerca-1-mil-denuncias-de-violacoes-de-direitos-humanos-por-dia-em-2020>
- Callegaro, Marco Montarroyos. (2005). A neurobiologia da terapia do esquema e o processamento inconsciente. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 1(1), 09-20. DOI: 10.5935/1808-5687.20050002
- Cardoso, B. L. A., Bertho, M. A. C., & Paim, K. (2019). Até que a morte nos separe: a contribuição da cultura para a manutenção de esquemas iniciais desadaptativos em relacionamentos abusivos. In K. Paim & B. L. A. Cardoso (Eds.), *Terapia do esquema para casais: base teórica e intervenção* (1st ed., pp. 143–163). Porto Alegre: Artmed.
- Cerqueira, L.C.D & Mendes, D.L. (2022). Os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDS) de mulheres em situação de violência conjugal e a Terapia do Esquema como estratégia de intervenção: Uma revisão sistemática da literatura *Perspectiva: Ciência e Saúde*, Osório, V.7 (1) 66-93. Recuperado de: <http://sys.facos.edu.br/ojs/index.php/perspectiva/article/view/604/489>
- Coyles, A. (2010). Análise do Discurso. In: BREAKWELL, Glynis M. et al. (org.). *Métodos de pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: Artmed.
- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G.. (2006). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1163–1178. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007>
- Hirigoyen, M. F. (2005). *Mal-Estar no Trabalho: Redefinindo o Assédio moral*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

- Júnior, E. G. & Ribeiro, J. V. (2018). Atendimento psicológico às mulheres vítimas de violência doméstica. FAP - Faculdade de Pimenta Bueno, v.13, n 02. Disponível em: <https://fapb.edu.br/wp-content/uploads/sites/13/2018/02/ed7/4.pdf>.
- Khosravi, Z., Attari, A. & Rezaei, S. (2011). Intimate partner violence in relation to early maladaptive schemas in a group of outpatient Iranian women. *Procedia Soc. Beh. Scien.*, 30, 1374-1377. Recuperado de: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S187704281102091X>
- Mello, F. J. (2010). *Psicossomática hoje*. 2.ed. Porto Alegre: Artmed.
- Monteiro, F S. (2012). O papel do psicólogo no atendimento às vítimas e autores de violência doméstica. 2012. (monografia). Centro Universitário de Brasília - UniCEUB - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES - Curso de Psicologia. Brasília. 2012.
- Oliveira, E. M. et al. (2005). Atendimento às mulheres vítimas de violência sexual: um estudo qualitativo. *Saúde Pública*, 39(3), 376-382. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/7GvxBh3JvbwjSnvxH3DrwTz/?lang=pt&format=pdf>
- Paim, K. (2019). A química esquemática e as escolhas amorosas. In K. Paim & B. L. A. Cardoso (Eds.), *Terapia do Esquema para Casais: Base Teórica e Intervenção* (1st ed., Vol. 1, pp. 31-44). Porto Alegre: Artmed.
- Paim, K., Madalena, M., & Falcke, D. (2012). Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 8(1), 31–39. DOI: 10.5935/1808-5687.20120005
- Paim, K., & Cardoso, B. L. A. (2019). *Terapia do Esquema para Casais*. (1st ed., Vol. 1). Porto Alegre: Artmed.
- Paim, K., & Cardoso, B. L. A. (2022). *Sua história de amor: um guia baseado na Terapia do Esquema para compreender seus relacionamentos e romper padrões negativos*. (1st ed., Vol. 1). Porto Alegre: Artmed.
- Pereira, D. C. de S., Camargo, V. S., & Aoyama, P. C. N. (2018). Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva*, 20(2), 10–25. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v20i2.102>
- Pereira, H. B. & Ribeiro, K. C. S. (2021). Validação do inventário de compensação de Young para a população campinense. *Aletheia*, 54(1), 35-44. <https://dx.doi.org/DOI10.29327/226091.54.1-4>
- Reis, A. H. & Andriola, R. (2019). O papel dos esquemas no funcionamento interpessoal. In K. Paim & B. L. A. Cardoso (Eds.), *Terapia do Esquema para Casais: Base Teórica e Intervenção* (1st ed., Vol. 1, pp. 17-23). Porto Alegre: Artmed.
- Santos, M. B., Machado, W. L., Heinen, M., & Oliveira, M. S. (2021). Evidências de validade do Inventário de Evitação de Young-Rygh (YRAI) para a população do Rio Grande do Sul. *Psicologia: Teoria e Prática*, 23(1), 1–22. <https://doi.org/10.1590/1413-82712022270210>

- Souza, P. A. & Ros, M. A. (2006). Os motivos que mantêm as mulheres vítimas de violência no relacionamento violento. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, 40, 509-527. Recuperado de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/17670/16234>
- Taskale, N. & Soygüt, G. (2017). Risk Factors for Women's Intimate Partner Violence Victimization: An Examination from the Perspective of the Schema Therapy Model. *Journal of Family Violence*. Vol 32. DOI - 10.1007/s10896-016-9855-6.
- Tosta, A. S. (2017). Entendendo os Relacionamentos Íntimos com Comportamento Abusivo por meio da Teoria do Apego. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal Fluminense. Volta Redonda, RJ. Recuperado de: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/6779>
- Vieira, E. M., Perdoná, G. da S. C., & Santos, M. A. dos. (2011). Fatores associados à violência física por parceiro íntimo em usuárias de serviços de saúde. *Revista De Saúde Pública*, 45(4), 730–737. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102011005000034>
- Young, J. E. (1990). *Cognitive Therapy for personality disorders*. Sarasota, FL: Professional Resources Press.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2003). *Schema therapy: A practitioner's guide*. New York: Guilford.
- World Health Organization. (1996). Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority. Geneva: WHO.